



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA:
RELATO DE UMA VIVÊNCIA**

Rosângela Luna de Araújo

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

Campina Grande, Maio de 2014.

FICHA DE APROVAÇÃO

Rosângela Luna de Araújo

Defesa de monografia:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

(Orientador)

Prof.^a Dr.^a Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

(Examinadora)

Campina Grande, Maio de 2014

RESUMO

O presente trabalho propõe estudar a recepção do folheto *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, com alunos de escola pública, na turma do 8º ano do fundamental II, e com uma turma do 6º ano, o livro *Pássaros e Bichos na voz de poetas populares*, organizado por Hélder Pinheiro, através da leitura e interpretação textual. A partir do estímulo à leitura das sextilhas e de folhetos e realização de atividades orais, relacionando a literatura de cordel ao contexto sócio-cultural do aluno, além do incentivo à musicalização das sextilhas e a apresentação oral. Logo, o objetivo do trabalho é, conseqüentemente, apresentar um relato de experiência a partir das ideias de Pinheiro (2011), no que tange a pesquisa em Literatura, as de Cascudo (1994), ao estudar sobre a história da literatura popular, as de Luyten (1983), no que é literatura de cordel, as de Moura (2009), com o trabalho dissertativo sobre a literatura de sextilhas e folhetos no ensino fundamental I, e as de Pinheiro (2007) sobre a poesia na sala de aula. Entre os resultados mais expressivos da pesquisa, podemos destacar que a leitura de folhetos possibilitou aos alunos uma experiência nova, já que para eles que moram e estudam numa escola desfavorecida socialmente, a leitura de folhetos pôde ajudá-los a fazer uma verdadeira viagem pelo mundo da literatura popular.

Palavras chave: Literatura popular. Recepção. Leitura. Sextilhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, O Grande Pai Celestial, pela realização e conclusão desse trabalho, o qual custou muito tempo, dedicação e pesquisa.

Ofereço aos professores, sem os quais esse trabalho não seria possível, em especial ao professor Doutor Hélder Pinheiro, pela orientação e ajuda, e principalmente por ser a luz pela qual decidi escolher o tema da minha monografia sobre cordel e ensino; através das suas aulas sobre literatura de cordel, o mesmo me fez perceber o quão fascinante é a literatura popular, o quanto podemos nos beneficiar, aprender e nos deleitar com ela.

Muito obrigada ao meu pai Luiz Luna, que além de genitor, o tenho como um amigo e “ajudador”, e junto com minha mãe, Rosângela Macário, me permitiram o acesso ao conhecimento e principalmente o dom da vida.

Agradeço aos meus irmãos, Leandro e Leanderson Luna, os quais amo muito, e como clichê, estão comigo “na alegria e na tristeza”.

Ofereço aos outros membros da família, que apesar de tudo, estão presentes nas conquistas diárias, e em especial a Tia Rosely Macário, a tia da “biblioteca”.

Minhas amigas do curso de Letras/UAL/UFCG, em especial a Izabel e Jéssica por me ajudar e me aturar no período de graduação.

Aos amigos e colegas que participaram dessa caminhada, dando apoio e força para seguir em frente.

Aos colegas de trabalhos que direta e indiretamente também contribuíam essa conquista.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – Literatura de cordel: aspectos históricos.....	10
1.1 A origem da literatura de cordel.....	10
CAPÍTULO II – Biografia do Autor: João Ferreira de Lima e seu principal personagem João Grilo.....	15
2.1 A estrutura do folheto e o autor.....	15
2.2 O enredo.....	17
CAPÍTULO III – A recepção da literatura de cordel em sala de aula.....	24
3.1 A literatura em sala de aula através do prazer da leitura.....	24
3.2 A recepção do folheto <i>As proezas de João Grilo</i>	27
3.3 Uma vivência com crianças	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS–.....	36
FONTES BIBLIOGRÁFICAS –.....	38
ANEXOS –.....	41

APRESENTAÇÃO

No segundo período de 2008, iniciei o curso de Letras, especialidade em língua vernácula, na Universidade Federal de Campina Grande. Na semana inicial do curso, várias palestras e apresentações fizeram parte do cronograma de iniciação “aos ferás”. Porém, dentre todas essas boas vindas, um debate me chamou a atenção, no qual o Professor Hélder Pinheiro falava sobre literatura de Cordel, e o quanto a literatura é importante na vida acadêmica dos discentes.

Desde então, comecei a sentir interesse pelo gênero e pesquisar sobre o mesmo. Li diversos folhetos que me divertiam e encantavam ao mesmo tempo em que denunciavam as problemáticas sociais. Deparei-me com títulos como *Estória de um homem que deixou a mulher por uma jumenta*, de Joaquim Batista de Sena, que retrata a história de “um cabra safado”, casado, dois filhos, e abandonou a esposa para viver ao lado de uma “bela jumenta”, no interior da Paraíba do Norte, perto de Campina Grande. Ele trocou a esposa devido à jumenta ter uma vida simples, gostar de capim e milho, diferente da mulher, descrita como “granfina”, por não comer nada ruim.

Através de conversas com amigos, descobri que na Paraíba, em Campina Grande, há um importante acervo de folhetos, na *Biblioteca Átila de Almeida*, na Universidade Estadual da Paraíba; segundo dados do site da instituição (<http://biblioteca.uepb.edu.br/>) o local possui um acervo de 10.021 (dez mil e vinte e um) títulos de cordéis; e no LAEEL (Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e Literatura), a biblioteca de Letras da Universidade Federal de Campina Grande. Além disso, a UEPB, por alguns anos, solicitou no Processo Seletivo para ingresso na Universidade, independente de área, que o aluno lesse um folheto. No ano 2010, por exemplo, para o vestibular foi pedido à leitura do cordel *O Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo. Esse aspecto mostra como a literatura e a cultura local tem ganhado visibilidade e a valorização no decorrer dos anos.

No terceiro período do curso (em 2009), comecei a estagiar no ensino fundamental II, numa escola pública na zona rural, no município de Queimadas, interior da Paraíba, em substituição a uma professora que se ausentou temporariamente da instituição. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Maciel os alunos tinham pouco contato com a literatura, principalmente pela falta de incentivo. Observei as aulas, os alunos e os conteúdos estudados e percebi o quão importante seria levar a leitura de folhetos para a sala de aula e, atrelado a isso, incentivar a direção da escola, junto com os professores e os discentes, a criação de uma biblioteca de folhetos na instituição, além de projetos ligados à cultura popular.

Decidi então estudar, através da leitura e interpretação textual, o folheto *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima com os alunos, na turma do 8º ano do fundamental II, e com uma turma do 6º ano, o livro *Pássaros e Bichos na voz de poetas populares*, organizado por Hélder Pinheiro. Além de estudar o folheto e o livro em sala de aula, tínhamos também como objetivo apresentar aos alunos outros cordéis.

Para começar as aulas preparei dois planos (em anexo). O período delas, nos diferentes anos, se estendeu por três semanas; houve o estímulo à leitura das sextilhas e de folhetos, realização de atividades orais que relacionaram a literatura de cordel ao contexto sócio-cultural do aluno, ainda houve o incentivo à musicalização das sextilhas e a apresentação oral.

Para o direcionamento das aulas, foi levado em consideração que o ensino de língua portuguesa, em contexto geral, está limitado a aulas monótonas, sem atrativos que prendam a atenção do aluno, principalmente, pela falta de recursos e incentivo aos docentes. O folheto, de baixo custo, é um instrumento que não só facilita a leitura, mas promove a diversão, principalmente aos jovens de “baixa renda” que tem pouco acesso à cultura. Ao escolher trabalhar com folhetos em sala, observei que a escolarização do cordel tem ganhado ascensão, como observa Pinheiro (2010), “a chegada do folheto à sala de aula pode ser vista como um avanço, como a valorização de uma modalidade da cultura que nasceu do povo”.

Nos livros didáticos a Literatura de Cordel é pouco retratada e quando o é, se faz sempre num contexto pragmático. Porém, com o aumento da exposição da literatura popular, Pinheiro (2010, P. 176) aponta que “há uma tendência forte em transformar a literatura de folhetos de material de apoio ao ensino e não estudá-la e vivenciá-la como arte, como literatura”.

Ao observar alguns livros e textos publicados na internet, percebi que os conteúdos sobre folhetos são retratados em pequenos textos, que descrevem a história do gênero, equivocadamente, como trazido de Portugal, com o Trovadorismo, justificando a nomenclatura “cordel” devido aos folhetos serem vendidos, pendurados em cordas, nas feiras populares nordestinas.

Além de ser abordado dessa forma, os livros não apresentam ou analisam nenhum cordel em especial, e quando algum folheto é citado, são apenas alguns versos para serem analisados gramaticalmente. Um detalhe importante a ser observado é que, muitas vezes, os livros tentam abordar o conteúdo, para tentar justificar a valorização da literatura popular, porém traz o assunto, mas trabalha de forma pragmática, não induzindo o leitor a gostar ou pesquisar sobre o gênero. Nesse sentido, o trabalho “didatizado” do folheto, embora pareça que esteja dando abertura a cultura popular em sala, perde o convite à fantasia, a imaginação ou ao humor das obras.

Além da dificuldade em relação aos livros didáticos, ainda há a resistência de muitos professores de Língua Portuguesa, do ensino secundário, que veem à literatura popular como desnecessária aos alunos, pois para esses docentes, o importante é que os alunos estudem “gramática normativa” ou “redação”. Entretanto essa concepção não é perpetuada apenas no ambiente escolar, “nas universidades muitos insistem em achar que” a literatura de cordel “não é arte, que não é cultura, que não é literatura aquilo que iletrados e semi-letrados fazem. Só aceitam quando encontram alguma vinculação com algum momento passado da cultura europeia.” (AYALA, 2011. P.110).

Para incentivar aos alunos a ler e gostar da leitura de poemas é necessário que o professor também seja um leitor assíduo e demonstre para os alunos esse interesse, pois “a maioria dos professores de Português e Literatura não procura

despertar o senso poético no aluno, não se interessa por educação da sensibilidade de seus alunos”. (PINHEIRO, 2007. P.19)

Assim, esta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, abordarei sobre a importância da literatura de cordel. Além disso, estudarei como o folheto disseminou-se no Brasil, entendendo o gênero como tradicionalmente nordestino, ligado ao povo e que teve por característica principal sua transmissão oral, porém, atualmente, está ligado ao universo acadêmico. Dessa forma, veremos como são as estruturas dos folhetos, quem são seus autores, para quem são escritos e qual a importância de estudá-los.

No capítulo seguinte, desse trabalho, analisarei o folheto *As proezas de João Grilo* de João Ferreira de Lima, mostrando os diferentes aspectos encontrados no mesmo, como o enredo, as rimas, a musicalidade, o humor, a inventividade e a ludicidade. Não podendo deixar de falar do personagem principal, João grilo, que encanta o leitor pela sua esperteza e sabedoria popular. Além disso, apresentarei o autor e uma pequena biografia do mesmo.

No terceiro, e último, capítulo, veremos a importância da literatura popular em sala de aula, através da apresentação da minha experiência, com o folheto *As proezas de João Grilo* e o Livro *Pássaros e Bichos*. Mostrando como os alunos receberam o trabalho com a literatura popular, a reação dos alunos antes, durante e depois das aulas, a recepção em relação ao folheto e as sextilhas e se realmente funcionou ou não a criação da biblioteca de folhetos na instituição de ensino.

1º CAPÍTULO

LITERATURA DE CORDEL: ASPECTOS HISTÓRICOS

1.1. A origem da literatura de cordel

A literatura de Cordel, oriunda das feiras populares nordestinas, na sua origem era lida e/ou cantada; conforme Cascudo, “transmitida pelos folhetos em maior porcentagem e oralmente pelos cantadores”. A sua disseminação ocorreu nas feiras livres do Nordeste, através de Pelejas, folhetos de circunstância, ABCs e Romance, dessa forma se manteve a tradição por várias gerações. (CASCUDO, 1994)

No início do século XX, no campo, existiam poetas populares, que compartilhavam suas experiências, cantando e encantado com seus versos, relatando e denunciando diferentes aspectos das problemáticas sociais da época, na vida desses artistas. De acordo com Pinheiro & Lúcio (2001, p.11):

Os primeiros escritores de folhetos que saíram do campo em direção às cidades levavam consigo a esperança por melhores dias e as lembranças de contos e histórias de príncipes e princesas, reinos distantes, homens valentes e mocinhas indefesas, além das canções dos violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores. Já nas cidades, começam a transpor para o papel todo este universo de experiências. Além dos cantos e cantorias de viola, estavam guardados na memória o som dos maracatus, dos reisados, do coco, da embolada. É essa cultura, influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos, que faz do cordel uma produção cultural distintas das outras. A mistura de vozes e ritmos da cultura transforma-se em música nos folhetos.

A justificativa para o uso da nomenclatura “cordel” nos folhetos pode ser explicada também no texto de Moura (2007, pg. 8) “O termo literatura de cordel foi tomado de empréstimo da tradição europeia “para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas.” Entretanto, há diferenças entre a literatura de cordel portuguesa, que podia ser

escrita em prosa ou em verso e a literatura de cordel produzida no Brasil.” (PINHEIRO e LÚCIO, 2001)

Luyten (2005, P. 44), ao estudar a literatura popular, observou que a literatura de cordel existia em todo o território nacional, mas se expandiu no Nordeste brasileiro, principalmente pela facilidade de impressão, já que os próprios autores podiam produzir e reproduzir seus folhetos:

Embora exista em todo o território nacional, foi no Nordeste que a literatura de cordel se desenvolveu de forma excepcional, sobretudo nos últimos cem anos – justamente porque foi mais ou menos a partir dessa época que o povo conseguiu fazer uso da imprensa no Brasil. A grande vantagem da literatura de cordel sobre as outras expressões da literatura popular é que o próprio homem do povo imprime suas produções, e do jeito que ele as entende.

A prosa, no contexto geral, sempre foi mais estudada do que a poesia, entretanto, o folheto recebeu destaque no Nordeste pelo aspecto da “dinamicidade” e da “força de expressão” caracterizada principalmente pela simplicidade dos versos.

No início da poesia popular, quando a maioria dos autores de folhetos eram cantadores, sua transmissão acontecia através da oralidade, justamente porque a maioria deles e os próprios apreciadores do gênero eram semianalfabetos ou analfabetos.

Os folhetos, de modo geral, não eram destinados a nenhum público em especial. Eles eram escritos para todos os públicos, embora a grande maioria deles fosse sertanejos, divertindo desde crianças até os adultos, contando e encantando através, principalmente, do humor, “isto é, não há cordel para mulheres, para crianças, para adolescentes.” (PINHEIRO e LÚCIO, 2001. Pg.31)

Com o passar dos anos as pesquisas em relação aos folhetos vem aumentando, mas em contrapartida a venda de folheto tem diminuído, fora do âmbito acadêmico. Ao observar os aspectos da literatura popular em relação à venda de folhetos e ao número de leitores, Pinheiro (2001, p.7) afirma que:

Estudiosos de áreas como história, antropologia e letras, sob diferentes perspectivas, mergulharam no mundo de

personagens, ritmos e temas desta modalidade da literatura popular. Por outro lado, em conversas com vendedores e poetas populares nota-se que a venda dos folhetos vem diminuindo consideravelmente, mas este retraimento não parece significar desinteresse por parte do público. O contato com os alunos de escolas públicas, particulares e estudantes universitários tem revelado que um significativo número de jovens e de professores conhecem e cultivam a literatura de folhetos aqui no nordeste, sem falar nos leitões tradicionais.

A literatura popular, típica, perpassa gerações, na maioria das vezes impressa, tendo ou não autores identificados. Cascudo (1994), ao estudar sobre a literatura popular defende que a literatura tradicional, na década de 40, afirmava que:

Os assuntos são infinitos. Todos os motivos políticos, locais e nacionais, fazem nascer dezenas de folhetos, todos em versos, quadras, ABCB, sextilhas, décimas. Raríssimamente aparece o folheto em prosa. Há o registro dos acontecimentos sociais, grandes caçadas ou pescarias, enchentes, incêndios, lutas, festas, monstruosidades, milagres, crimes, vitórias eleitorais. Há a série permanente ao redor dos temas que têm devotos, odisséia de cangaceiros, milagres de santos, prisão de bandidos famosos, fugas espetaculares, sonhos ligadas ao “meu padrinho padre Cícero do Juazeiro”.” CASCUDO (1994)

Entretanto, percebemos que hoje há, de fato, algumas mudanças em relação aos temas abordados nos folhetos, muitos estão perdendo o humor, para dar espaço aos temas pedagógicos. Os assuntos, além de serem os mais diversos, podem mudar ainda por outros aspectos, como os ligados à cultura da região, justamente para ativar o interesse do leitor, por tratar de assuntos do próprio cotidiano, como afirma Luyten (2001. P. 46):

É lógico que o escritor de folhetos, por ser de origem popular, tenderá a escrever seus poemas para seu meio adequado – o povo. Ele vai tratar dos assuntos todos sob o ponto de vista comum ao seu meio. Se tratar de religião, por exemplo, vai escrever sobre as coisas da forma como ele e seus leitores estão acostumados a tratar do assunto. Daí o grande número de folhetos que falam do diabo – o cão, como geralmente chamado. Esse personagem não costuma ser exclusividade a personificação do mal, mas um elemento que convive com as pessoas do povo. É que o leitor tradicional de folhetos tem fortes origens rurais e, como tal, sente mais o fatalismo da natureza, como chuva, sol e

pestes, e tende a atribuir tudo isso muito mais facilmente à interferência do sobrenatural. O demônio e alguns santos aparecem, por isso, com certa frequência, mas sempre revestidos de muitas características humanas. É mais ou menos a isso que se chama de “catolicismo popular.

O que ele fala é de décadas atrás, no contexto atual, vivemos na “era digital”, logo essa realidade é bastante diferente, o folheto, aos poucos, está sendo utilizado por outros suportes como, por exemplo, o próprio livro. Nesse sentido, observou-se que o vendedor ambulante, com o passar do tempo, praticamente desapareceu, principalmente nas feiras. A venda de folhetos ainda ocorre, mas de forma escassa, muitas vezes, apenas exposta em bancas de revistas, por exemplo.

Pinheiro (2001), ao estudar sobre a presença do lúdico e dos bichos nos folhetos, afirma que “Não há na maioria das histórias um tom moralista como nas fábulas. O caráter lúdico é o que predomina. As estórias de bichos são estruturadas de modo diverso de outros folhetos, ou seja, quase sempre cada estrofe encerra uma situação que não tem necessariamente ligação do animal em ação”. Outro traço ainda abordado por Pinheiro e Lúcio (2001, P.32) em relação à literatura oral é que:

Hoje, em contexto tão diverso, em que há pouco espaço para uma experiência com a literatura oral como a que vivi, é preciso pensar novos espaços/ situações para apresentar o cordel às crianças. Vejo algumas situações para apresentar o cordel às crianças, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante situações inesperadas/ complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças. O humor é presença marcante tanto na poesia para crianças quanto no cordel. Também um filão do cordel que o aproxima à literatura para crianças é a recriação de contos de fadas tradicionais.

Muitas vezes nos surge a dúvida em relação à origem do folheto, principalmente se ele faz parte da cultura popular brasileira ou apenas popular nordestina. Porém, em esclarecimento a essa dúvida, LUYTEN (2005. Pg.13) aborda “Muitos acham que literatura de cordel e poesia popular são manifestações poéticas nordestinas. Há um fundo de verdade nisso, mas é bom lembrar que há poesia popular em todo o Brasil (e, seguramente, em toda a América Latina).”

A literatura popular está ligada diretamente à cultura do um povo. O dicionário de língua portuguesa *Aurélio* afirma que cultura é “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade.” Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que, independente de classe social, cultura é toda manifestação de um povo. Dessa forma LUYTEN (2005. p. 24) afirma:

Já disse que a cultura popular se dá em sociedades em que há elite e povo participando de manifestações comuns como língua, religião, composição étnica e assim por diante. As manifestações populares se darão, em sua grande maioria, de forma oral. É que a comunicação em nível popular, na realidade significa troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semiletrados com seus semelhantes. Aqui, é bom fazermos uma observação: analfabeto ou iletrado não quer dizer, em absoluto, ignorante. Basta lembrarmos as grandes civilizações, como a asteca e a incaica, nas quais todos os elementos não sabiam ler e escrever. E mesmo nas outras civilizações eram raras as pessoas que faziam uso da escrita (quando havia).

Segundo Ayala (2011) “a literatura popular não conhece delimitações e é isso que torna difícil o seu estudo”. No âmbito escolar, que os alunos têm pouco acesso à leitura, essa dificuldade se torna ainda maior, isso faz com que o professor tenha que incentivar o seu o leitor para a necessidade da leitura, e mostrar a função do cordel no contexto educacional. Nesse sentido, pode-se observar, também, que a literatura popular nordestina é rica em poetas e/ou cantadores que se reconhecem como criadores, o que pode facilitar o trabalho docente nessa região.

Assim, a literatura de cordel como já se observou, no decorrer dos anos, tem ganhado visibilidade no âmbito acadêmico, justamente pela riqueza das palavras reproduzidas através dos folhetos. Dessa forma, o leitor pode viajar por diferentes situações do cotidiano popular através de rimas, além disso, perpetuar essa nossa literatura nordestina nos possibilita um prazer diferente, novo, levando ao aluno uma forma diferente de aprender e divertir-se.

2º CAPÍTULO

BIOGRAFIA DO AUTOR JOÃO FERREIRA DE LIMA E SEU PRINCIPAL PERSONAGEM JOÃO GRILLO

2.1. A estrutura do folheto e o autor

O folheto *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, apresenta versos em redondilha maior, composto por 118 versos, os quais são divididos em 31 sextilhas com estrutura de rimas, predominantemente, ABCBDB e 87 setilhas com rimas ABCBDDB.

O autor, João Ferreira de Lima, nasceu no município de São José do Egito no Estado de Pernambuco, em 1902. Morou na cidade pernambucana de Caruaru. Escreveu sob temas variados e sua obra mais comentada foi *As Palhaçadas de João Grilo*, que em 1948 ampliou para 32 páginas, sob o título de *Proezas de João Grilo*. Faleceu em 1973, deixando vários romances e folhetos, dentre os quais destacam-se *História de Mariquinha e José de Souza Leão*, *Casamento de Chico Tingole com Maria Fumaça*, *O Pinto Pelado* e muitos outros.

O folheto *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, conta a história de um cristão chamado João, que “nasceu antes da hora / morreu depois do dia”, apresentava uma grande “sabedoria popular”, indo para a escola com sete anos de idade, sempre chamava a atenção dos mestres, pois era inteligente e assíduo com suas lições escolares.

O personagem João Grilo foi aproveitado também pelos poetas João Martins de Athayde, Paulo Nunes Batista, Antônio Pau ferro da Silva, e adquiriu renome internacional quando foi apresentado pelo teatrólogo Ariano Suassuna na peça *O Auto da Compadecida*.

O cordel *As Palhaçadas de João Grilo* inicialmente tinha a forma de folheto de 8 páginas, ampliado por João Martins Athayde para 32 páginas, que é a forma atual apresentada por João Ferreira de Lima.

João Grilo é um personagem que perpassa gerações divertindo e encantando aos leitores, por ser cômico e esperto no desenrolar de suas astúcias, realiza façanhas consideradas impossíveis para outros personagens do folheto. Através dessa esperteza ele consegue driblar até um padre, que acaba sofrendo nas mãos de Grilo.

As proezas de João Grilo é composto por diferentes episódios que vão da infância do herói à vida adulta. Filho de uma pobre viúva, João conhece a necessidade e a insegurança de quem não tem para quem apelar”:

A mãe de Grilo disse:	-A senhora pensa em carne
Choro por necessidade	De vinte mil réis o quilo
Sou uma pobre viúva	Ou talvez no meu destino
E tu de menor idade	Que a força hei de segui-lo?
Até da escola saíste...	Não chore, fique bem certa
João lhe disse: ainda existe	A senhora só se aperta
O mesmo Deus de bondade	Quando matarem João Grilo

Pinheiro (2011, p. 42) ao abordar o tema “Espertezas e malandragens” apresenta o personagem João Grilo da seguinte forma:

Histórias de João Grilo e Pedro Malasartes povoaram a infância de muitas crianças nordestinas. De João Grilo lembro-me sempre das adivinhas. Um rei, testando as espertezas deste personagem, esconde na palma da mão um pequeno grilo e pergunta: - João Grilo, sob pena de morte, diga o que tenho dentro da minha mão. João desolado, exclama, mais para si mesmo: - Pobre grilo, em que mão tu caíste...E o rei fascinado, diz: -Bravo, João Grilo, é mesmo um grilo o que trago na mão. Espírito moleque, este personagem está sempre disposto a pregar uma peça nos poderosos, nos arrogantes, nos injustos. Sempre achei que João Grilo representa um desejo de vingança do pequeno contra o grande. Vingança simbólica, mas vingança.

A versão de João Martins de Athayde, a qual apresenta a mesma estrutura da versão estudada, de acordo com Pinheiro (2001, pg.43), é composta por sete episódios:

(1) relata as diabruras do personagem em sua infância, com destaque para seu encontro com um vigário; 2) narra a

vingança de João Grilo contra um português que o havia denunciado; 3) trata do período em que o herói frequenta a escola e trava disputas com o professor; 4) João Grilo ouve os planos de um grupo de ladrões na floresta e arruma uma estratégia para roubá-los, justificando-se com a conhecida frase: ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão; 5) João responde às adivinhas do rei e cai em suas graças; 6) João, o mendigo e o duque; 7) João é recebido na corte de outro rei e usando disfarce mostra que a importância que lhe dão é uma farsa.

No folheto a cultura popular se enquadra em diferentes aspectos, encontramos a presença do folclore popular nordestino na 3ª estrofe do cordel, sobre a lenda de “o lobisomem”, uma narrativa tradicional, transmitida de forma oral pelo povo, que não têm um autor original, pois suas origens se perderam no tempo. Segundo a lenda “o lobisomem é monstro que mistura formas humanas e de lobo”, a mulher tem sete filhas e o último filho será o lobisomem, esse aspecto só aparece depois do 13º aniversário, em que o garoto começa a sair nas ruas a noite, uivando semelhante a um lobo. (Vide site: www.brasilecola.com.br)

2.2 O enredo

João apresenta-se como uma pessoa distinta desde “o bucho da mãe”, onde ele antes de nascer, já havia chorado. Nasceu de sete meses, “antes do tempo”, criado sem formosura, ele apresentava sabedoria, e devido às artes que fazia “morreu depois das horas”.

O dia do seu nascimento foi considerado um dia diferente, pois nesse dia “houve um eclipse na lua”, “detonou um vulcão que ainda hoje continua” e “correu um lobisomem na rua”, ou seja, acontecimentos atípicos para o cotidiano, além de fantásticos, como o lobisomem, por exemplo. Ao nascer, era “pequeno, magro e sambudo” o que não o impediu de criar-se, “as pernas tortas e finas, a boca grande e beijudo”, e “no sítio aonde morava dava conta de tudo”. Aos setes anos de idade, Grilo perde seu pai, continuou morando apenas com sua mãe, perto de um rio, no qual pescava toda tarde.

No início da narrativa, Grilo começa com suas peripécias com um vaqueiro que vinha de fora, deixando a cidade admirada com a cena:

<p>“ O rio estava a nado Vinha um vaqueiro de fora Perguntou: - Dará passagem? João Grilo disse: - Inda agora O gadinho do meu pai Passou com meu lombo de fora.</p> <p>O Vaqueiro botou o cavalo Com uma braça deu nado Foi sair já embaixo</p>	<p>Quase que morre afogado Voltou e disse ao menino: -Você é um desgraçado!</p> <p>João Grilo foi ver o gado Para provar aquele ato Veio trazendo na frente Um bom rebanho de pato Os patos passaram n'água João provou que era exato.”</p>
---	--

Nessa parte podemos observar que o personagem central consegue enganar o vaqueiro e justifica sua ação ao dizer que seu “rebanho é de patos”, o que causa a comicidade nessa parte da história, visto que sabemos que rebanho é o coletivo de gado, ou animais conduzidos por um pastor, como ovelhas. Outro aspecto interessante é que o pai de Grilo morreu, e ele justifica dizendo que o gado do pai dele tinha passado há pouco tempo, o que já causa uma expectativa no leitor.

Na segunda parte da história, João não respeita nem o padre, que é um personagem, que pela tradição cristã católica, exige respeito e consideração, independente da figura humana.

Nessa parte do enredo, está presente o uso da figura de linguagem, a hipérbole, quando o padre “quase vomita o pulmão”, para representar o exagero.

O coité, uma planta de frutos grandes e redondo, no texto é o recipiente, característico do Norte e Nordeste, além de substituir o copo, é o recipiente usado pela mãe de Grilo para urinar.

<p>“Um dia a mãe de João Grilo Foi buscar água à tardinha Deixou João Grilo em casa E quando deu fé, lá vinha Um padre pedindo água Nessa ocasião não tinha.</p> <p>João disse: Só tem garapa</p>	<p>Disse o padre: - De onde é? João Grilo lhe respondeu: -É de engenho Catolé... Disse o padre: - Pois eu quero! João trouxe numa coité.</p> <p>O padre bebeu e disse: -Oh! Que garapa boa!</p>
--	--

João disse: Quer mais?
 O padre disse: - E a patroa,
 Não brigará com você?
 João disse:- Tem uma canoa!

João trouxe outra coité
 Naquele mesmo momento
 Disse ao padre: Beba mais,
 Não precisa acanhamento
 Na garapa tinha um rato
 Estava podre fedorento!

O padre disse: - Menino,
 Tenha mais educação
 E porque não me dissestes?
 Oh! Natureza do cão!
 Pegou a dita coité
 Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: Danou-se

Misericórdia São Bento!
 Com isto mamãe se dana
 Me pague mil e quinhentos,
 Essa coité, seu vigário
 É da mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa
 Disse para o sacristão:
 -Este menino é do diabo
 Em figura de cristão!
 Meteu o dedo na goela
 Quase vomita o pulmão!

João Grilo ficou sorrindo
 Pela cilada que fez
 Dizendo: Vou confessar-me
 No dia sete do mês.
 Ele nunca confessou-se
 Foi essa a primeira vez.”

O aspecto religioso tem forte influência, ressaltado entre a conversa dos personagens: “Oh, natureza do cão”, “Misericórdia São Bento!”, “-Este menino é o diabo/ Em figura de cristão” e “Vou confessar-me”. Para o vigário as atitudes do menino eram consideradas pecadoras, nas quais podia ter perdão se o mesmo se confessasse o que não aconteceu.

No decorrer do folheto o personagem continua fazendo suas peripécias, mostrando ser sempre uma pessoa bem humorada e sorridente, porém era um personagem vingativo e brincalhão. O padre é atingido pela segunda vez, por não perdoá-lo, através das palhaçadas e travessuras de Grilo, dessa vez no confessionário:

Num dia de sexta-feira,
 Às cinco horas da tarde
 João Grilo disse: hoje à noite
 Eu assombro aquele padre,
 Se ele não perdoar-me
 Na igreja há novidade...

Pegou uma lagartixa
 Amarrou-a pelo gogó
 Botou-a numa caixinha
 No bolso do paletó

Foi confessar-se João Grilo
 Com paciência de Job

As sete horas da noite
 Foi ao confessionário
 Fez logo o pelo sinal
 Posto nos pés do vigário
 O padre disse: Acuse-se!
 João Grilo disse o necessário.

Eu sou aquele menino

Da garapa e da coité
 O padre disse: Levante-se,
 Eu já sei você quem é,
 João tirou a lagartixa
 Soltou-a junto do pé.

A lagartixa subiu
 Por debaixo da batina
 Entrou na perna da calça
 Tornou-se feia a buzina
 O padre meteu os pés
 Arrebentou a cortina.

Jogou a batina fora
 Naquela grande fadiga,
 A lagartixa cascuda
 Arranhando na barriga
 João Grilo da lá gritava:
 -Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre impaciente
 Naquele turututu
 Saltava pra todo lado
 Que parecia um timbu

Terminou tirando as calças
 Ficando o esqueleto nu.

João disse: - Padre é homem?!
 Pensei que fosse mulher,
 Anda vestido de saia
 Não casa porque não quer
 Isto é que ser caviloso
 Cara de mata bebê!

O padre disse: João Grilo
 Vai-te daqui, infeliz!
 João grilo disse: Bravos
 O vigário da matriz
 É assim que ele me paga
 O benefício que fiz!

João Grilo foi embora
 O padre ficou zangado
 João Grilo disse: Ora sebo,
 Eu não aliso c'roado
 Vou vingar-me duma raiva
 Que tive o ano passado.

Na 4ª parte do folheto, Grilo continua fazendo “artes”, porém dessa vez com um português, que morava no subúrbio da cidade e vendia ovos. Os dois se encontram, o português acompanhado de sua égua, carregada com dias caixas de ovos, até que por permissão do português, João vai contar uma charada no ouvido do animal e solta uma ponta de cigarro dentro. O animal derruba o dono e os ovos, triste e melado o proprietário do animal levanta e pergunta, sem desconfiar de João.

João era do tipo inteligente, que não faltava à escola, começando a estudar com sete anos de idade. Até aos professores ele desafiava, fazendo perguntas, sempre chamando a atenção, como por exemplo:

Um dia pergunta ao mestre:
 O que é que Deus não vê,
 E o homem vê toda hora?
 Diz ele: - Não pode ser,
 Pois Deus vê tudo no mundo
 Em menos de um segundo
 De tudo pode saber.

João Grilo disse: Qual nada,
Quede os elementos seus?
Abra os olhos, mestre velho
Que vou lhe mostrar os meus
Seus estudos se consomem,
Um homem vê outro homem
Só Deus não vê outro Deus!

Após várias perguntas não respondidas pelo professor, mas solucionadas por Grilo, que, inclusive, chega a falar ao diretor que o seu “mestre é um quadrado”. Ao ver a mãe chorar, por passar necessidade e ser uma pobre viúva, João sai de casa a procura de dinheiro, até que a noite, com medo de lobos, ele fica escondido numa árvore, onde escuta alguns ladrões conversando sobre a divisão do dinheiro de roubos. No dia seguinte, na igreja, eles foram fazer a divisão do furto, Grilo se fantasia de alma e consegue assustar os ladrões e fica com o dinheiro, levou para casa e contou a sua mãe o que havia acontecido.

O rei, Bartolomeu do Egito, mandou convidar Grilo para fazer uma adivinhação. O rei fez doze perguntas a João, que respondeu todas corretamente. O rei ficou enfurecido com ele, mas depois achou até engraçado, deixando-o morar no reino, inclusive quem resolvia questões do reino, ou perguntas difíceis ou problemas muito enrascados, era ele.

Chegou à corte, certa vez, um pobre mendigo que havia sido preso por pegar um pedaço de pão e colocar na fumaça de uma panela de galinha, e havia sido preso, para ser julgado. Grilo deu ao mendigo o dinheiro cobrado pelo duque para que o pobre homem não fosse para a prisão, e no final o mendigo fica com o dinheiro e sai livre. E a fama de João, por sua sabedoria, foi espalhada de nação em nação, como um verdadeiro herói.

Na última parte do folheto, João é convidado por outro rei, que enfeitou todo o castelo, onde toda corte e damas da alta corte esperavam por Grilo, porém quando ele chegou foi a maior decepção, principalmente pela sua vestimenta, com paletó rasgado, sapato furado, e um “matulão” nas costas. O rei ao vê-lo, achou que não fosse o mesmo, mas percebeu que estava equivocado ao ver as credenciais de Grilo. Ele, ao ocupar os aposentos reais, foi alvo de vários

cochichos, pela pobreza que demonstrava, pois todos, na corte, pensavam que ele fosse um “homem elegante”. João, apesar de ouvir tudo, não demonstrava dar atenção as pessoas que o desprezavam “por mostrar-se esmolambado”.

João tomou um banho, preparado por um criado, vestiu uma roupa de gala, para apresentar-se, na hora do almoço. Depois que ele aparece bem vestido, o tratamento foi outro.

E então toda repulsa
Transformou-se de repente
O rei chamou-lhe para mesa
Como homem competente
Consigo, dizia João:
Na hora da refeição
Vou ensinar esta gente.

O almoço foi servido
Porém João não quis comer
Despejou vinho na roupa
Só para vê-lo escorrer
Ante a corte estarecida
Encheu os bolsos de comida
Para toda corte ver.

O rei bastante zangado
Perguntou para João:
Por que motivo o senhor
Não come da refeição?
Respondeu João com maldade:
- Tenha calma, majestade
Digo já toda a razão!

- Esta mesa tão repleta
De tanta comida boa
Não foi posta para mim
Um ente vulgar, atoa
Desde a sobremesa à sopa
Foram postas à minhas roupa

E não a minha pessoa!

Os comensais se olharam
O rei pergunta espantado:
-Porque que o senhor diz isto
Estando tão bem tratado?
Disse João: - Isto se explica,
Por estar de roupa rica
Não sou mais esmolambado.

-Eu estando esfarrapado
la comer na cozinha,
Mas como troquei de roupa
Como junto da rainha...
Vejo nisto um grande ultraje
Homenageiam meu traje
E não a pessoa minha!

Toda corte imperial
Pedi desculpa a João
E muito tempo falou-se
Naquela dura lição
E todo mundo dizia
Que o Grilo em sabedoria
Era igual a Salomão.

FIM

O folheto termina com uma grande lição de sabedoria popular, inclusive comparando João a um personagem bíblico, Salomão. Dessa forma, mostra como a poesia popular está ligada ao povo e a personagens já conhecidos, envolvendo

toda uma expectativa em relação à leitura, inclusive apresentado as diferenças entre classes sociais, ligada a “aparência” demonstrada por João através da sua roupa.

3º CAPÍTULO

A RECEPÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA

3.1 A literatura em sala de aula através do prazer da leitura

Ao estudar a literatura popular na escolar é necessário observar a literatura como uma arte que além de proporcionar o deleite, apresenta sua função social. Pois é necessário ter a preocupação de não tornar a literatura apenas como objeto folclórico, inseridos em festas escolares e lembrados apenas algumas vezes ao ano.

Antes de falar sobre a recepção em sala de aula, Pinheiro e Lúcio (2001, p. 33) afirma que: “Quem sabe você se anime a ler com seus alunos, filhos ou quem quer que seja. Na escola, nas ocasiões de leitura, à noite, antes das crianças dormirem o cordel poderia ocupar um lugar privilegiado ao lado da literatura infantil”.

Ao partir do pressuposto de que a literatura deve ser vista como prazerosa e lida com deleite, é importante ressaltar que para o professor conseguir que os alunos gostem de ler é necessário que o docente demonstre que é um assíduo leitor e que assim o faz por prazer, pois só é possível entusiasmar aos seus alunos para que se tornem bons leitores de poemas, quando o mestre assim o faz. Pinheiro (2007, p.88), ao estudar sobre “*A poesia na sala*” e sua “*Emergência*” diante da leitura, discorre:

Nossa grande escritora Ana Maria Machado (2001:148), em artigo sobre “O desafio dos jovens leitores”, nos lembra que “criança aprende pelo exemplo. Se vê gente comendo de taheres, amarrando sapatos, vendo televisão, torcendo por um tié, vai ter vontade de imitar. Se nunca vê ninguém à volta com livro na mão, nem vai desconfiar que isso possa ser coisa que se faça fora da escola”. Creio que ela tem razão, mas creio também que há bem mais para se pensar nesta questão. Se a criança e o jovem pouco vê seus professores, pais e amigos lendo, muito menos ainda lendo livros de poemas e se quase não ouve alguém lendo poemas em voz alta – nem na escola, nem em casa, nem no

teatro, como esperar que eles tenham um gosto minimamente desenvolvido por este gênero?

A prática da docência, além de importante, deve ser tratada como prazerosa, e em conjunto com a literatura popular, essa prática ganha um “brilho diferente”. Pois, como observa Pinheiro “se o momento da leitura é o do deleite, do encantamento, da descoberta, da perplexidade, da inquietação; o momento posterior é da tentativa de compreensão e de explicação, a partir do texto, da experiência de leitura que resulta numa interpretação.” (PINHEIRO, 2011. Pg.19).

O professor, ao escolher o texto literário a ser trabalhado em sala de aula, precisa conhecer o texto e, principalmente, gostar dele, pois como já vimos para incentivar o aluno a gostar da leitura, é necessário que o docente demonstre também, um conhecimento prévio sobre o texto, transparecendo o prazer sentido pela obra.

Incentivar o aluno a ler não só ajuda na prática da escrita e formação do conhecimento, mas ajuda o discente a enfrentar desafios na vida, visto que “o prazer que uma leitura nos possibilita pode ser um ponto de partida”. E a literatura é uma forte aliada na formação diária, justamente por estar ligada a vida do próprio aluno. (PINHEIRO, 2011. Pg. 21)

O interessante de se trabalhar com folhetos ocorre pois, através da sua linguagem simples, o aluno consegue se identificar bastante com o texto, proporcionado, principalmente, a relação do seu contexto social aos fatos ocorridos com os diferentes personagens, o que, de fato, se assemelham a vida do próprio leitor, dessa forma conseguindo apreciar o folheto.

A etapa da leitura deve ser tida como um momento que proporcione o deleite, o encantamento, a descoberta, a perplexidade, e a inquietação. Abordando o cordel em sala de aula, é imprescindível que diante da obra lida seja interessante interrogar, questionar, duvidar e/ou concordar. Dessa forma, incentivando o aluno ao acesso ao texto, pode ser um ponto de partida para iniciar um projeto sobre cordel na escola. Incentivando à sensibilidade e a intuição do aluno.

Muitas vezes, há uma preocupação dos cordelistas em abordar, nas próprias publicações, uma apresentação sobre o que se configura o cordel, a literatura popular e a necessidade de trabalhar com os mesmos em sala de aula. No cordel *A VOZ DOS BICHOS, animais falam sabia?*, de Manoel Monteiro, podemos encontrar uma pequena apresentação na contracapa do mesmo:

Nada melhor do que aprender brincando. Quando o professor conseguir fazer da sua aula uma festa o seu trabalho de educar será tão agradável que, nem ele, nem os seus alunos notarão o tempo passar. Podem ficar certos de que um bom cordel torna este sonho possível. As rimas, a cadência, as imagens fazem o texto poético bom de ouvir, fácil de entender, curioso, encantador. O poder de penetrar a alma humana é próprio do poema. (MONTEIRO, 2009)

Vários aspectos podem chamar a atenção dos alunos para a leitura dos folhetos, desde a linguagem simplificada, a esperteza dos personagens e até utilização da ambiguidade nos títulos para tornar o cordel atrativo. O cordel *O Homem do pinto grande* é um excelente exemplo dessa ambiguidade. O autor, Manoel Monteiro, além de abordar sobre o objetivo pelo qual os folheteiros produzem seus cordéis, apresenta na contra capa do mesmo cordel, produzido por João Ferreira de Lima, a justificativa para a criação do título:

Emboladores de coco, violeiros e folheteiros escrevem para cantar ou declamar para os seus ouvintes estórias e histórias. Cada qual cria as suas fantasias. O Pinto Pelado é uma delas. O mais famoso e mais conhecido é sem sombra de dúvidas O PINTO PELADO de João Ferreira de Lima, composto em décimas de sete sílabas, e começa assim: “Minha galinha pedrês/ Do Brejo da Bananeira/ Pôs em uma sexta-feira/ 20 ovos numa vez/ No dia 20 do mês/ Deitei ela com cuidado/ Se eles não tem gorado/ Me dava um bom paládio (sic.)/ Só tinha um ovo sadio/ Nasceu um pinto pelado” (MONTEIRO, 2010).

É importante ressaltar que devemos disseminar a valorização da cultura popular em sala de aula, porém devemos observar que “ela é algo que muda que assume diferentes formas, que não é apenas doce lembrança de um tempo passado.” (Pinheiro, 2011)

3.2 A recepção do folheto *As proezas de João Grilo*

Dentre vários folhetos analisados, escolhi o cordel *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima para trabalhar em sala de aula, com alunos do 8º ano de uma escola pública municipal, em Queimadas, no interior da Paraíba. O folheto analisado retrata a esperteza e astúcia do personagem popular “João Grilo”, já conhecido pelos alunos através do filme *O Auto da Compadecida* inspirado na obra do dramaturgo nordestino Ariano Suassuna.

A escola municipal escolhida é composta do ensino infantil ao 9º ano do fundamental II, com cerca de quase 1.000 alunos nos turnos da manhã, tarde e noite. Localizada numa comunidade rural, no município de Queimadas-Pb, conhecida como “bairro” do Ligeiro, situada na divisa da cidade com o município de Campina Grande. Os alunos, além de serem do próprio bairro, muitos são de sítios vizinhos, que vão à instituição com o auxílio de um ônibus escolar, disponível pela secretaria de educação do município.

A instituição de ensino é frequentada, na grande maioria, por alunos com poucas condições sociais, envolvendo discentes que vão à escola, obrigados pelos pais, principalmente, devido à motivação governamental do “auxílio bolsa família”, como também pela merenda.

Atualmente, o prédio conta com várias salas de aulas, que possuem em média 40 alunos, podendo ser alterada de acordo com a série, A estrutura das salas é, um pouco, precária. Além disso, o local tem uma pequena sala de vídeo, que contém um data show, uma televisão e um DVD, confrontados com os computadores que teoricamente deveriam ser separados e está num laboratório de informática, os quais dão diferentes funções a sala, que também é usada como auditório.

Uma pequena biblioteca foi implanta no recinto há cerca de um ano, ela não possui espaço para que os alunos possam ler no local; entretanto eles podem pegar livros emprestados do pequeno acervo de literatura. Na estante encontramos títulos como *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato e *O santo*

e a *porca* de Ariano Suassuna, e obras de outros autores consagrados como Olavo Bilac, Clarice Lispector e Lygia Bonjuga. Todavia há apenas um exemplar de cada livro e os discentes dispõem de pouco tempo para fazer as leituras fora do âmbito escolar, mesmo assim foi observado que os alunos pouco frequentam o ambiente, pela própria falta de hábito de leitura.

A turma do 8º ano é composta por cerca de 40 alunos entre 12 e 16 anos de idade. Eles, na grande maioria são interessados, mas percebi que alguns são altamente desatentos e outros verdadeiros “conversadores” a assuntos paralelos à aula.

Antes da confecção e criação da caixa de córdeis a escola só contava com apenas uns três folhetos, que não eram procurados pelos alunos, pois eles não haviam tido contato com o gênero até então.

Os dados foram recolhidos através das aulas, do diálogo com os professores de outras disciplinas, com funcionários e entre os próprios alunos que relataram a realidade vivida por eles no local.

Para Iniciar o trabalho, um ponto importante foi ressaltado que é “pensar com os próprios alunos sobre suas experiências de alegria que nascem dos lábios que narram”, levando em consideração que o objetivo inicial do cordel era a “realização oral”. (PINHEIRO, 2011)

Na primeira aula, os alunos foram apresentados aos folhetos e à importância de estudá-lo em sala de aula através de perguntas como: “Vocês sabem o que é literatura popular?”, “E para quem serve a literatura?” e “O que é literatura de cordel?”. Os alunos foram tentando responder as perguntas propostas. Dessa forma foi proposto o desafio para os discentes de estudar diferentes folhetos, criar a biblioteca de cordel na escola e a tentativa de disseminação do hábito da leitura de folhetos por alunos de outras turmas. Os alunos, de modo geral, mostraram bastante interesse pelo gênero, até chegando a propor a doação de folheto. Cerca de 5 % da turma se mostraram indiferentes com a apresentação inicial.

Após a apresentação do gênero, diferentes folhetos foram levados à sala de aula e entregues aos alunos; por alguns minutos para que eles pudessem ler silenciosamente e devolvê-los em seguida. Alguns alunos escolhiam os folhetos pelos títulos, a maioria, pegava o cordel pela quantidade de folhas, sem importar-se com o conteúdo. Alguns títulos chamaram mais atenção do que outros devido às imagens apresentadas na capa ou/e pela própria criatividade dos títulos, como por exemplo, *A estória de Maria Gasolina* de João Maria do Nascimento, *Estória de um Homem que deixou a mulher por uma Jumenta* de Joaquim Batista Cena *Maria Garrafada: Mestra do Amor, Pecadora e Santa*, *O Galo Cagão e o Peido do Gambá*, *A mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia*, *A Briga de um Gay com uma Mulher Macho*, *O Homem do Pinto GRANDE*, de Manoel Monteiro.

Os alunos, diante dos vários cordéis apresentados e lidos, alguns lidos oralmente apenas por partes, sentiam a necessidade de saber o resto do folheto, e alguns discentes iam à biblioteca para procurar o folheto e saber o resto da história. Observei que muitos, apesar da curiosidade, já não sentiam a mesma necessidade de procurar o folheto, por motivos diversos, seja não ter atingindo o grau de interesse necessário ou a própria falta de interesse pela leitura.

No decorrer dos trabalhos com os folhetos e o incentivo à criação de uma biblioteca de folhetos na escola, a turma, mobilizada com a causa, doou e conseguiu doações de cordéis, dando início ao acervo com cerca de cem exemplares. Para juntar folhetos, alguns meninos levaram exemplares que conseguiram através de amigos ou compraram na cidade de Campina Grande em bancas de revistas ou no Sebo Cultural. Outra forma de conseguir foi através de uma gincana escolar realizada na própria sala, e em uma das provas, teria a vitória, a equipe que levasse mais folhetos, e eles arrecadaram dinheiro dos membros e compraram outros folhetos. Com o objetivo de cultivar a leitura desse gênero, não só dos discentes, mas até mesmo os docentes de outras disciplinas vinculados a instituição. A partir das publicações doadas, pegamos uma caixa de papelão (Vide Anexo II), decoramos com papel madeira e imagens em xilogravura e a chamamos de “caixa de cordéis”, desde então sempre chega novas doações e a caixa vêm aumentando consideravelmente o número de exemplares. Inclusive, alguns meses depois a escola lançou um projeto sobre o centenário de

Luís Gonzaga e a cultura popular, e através disso a caixa foi presenteada com mais folhetos.

A turma foi instigada a discutir e comparar diferentes cordéis, dessa forma proporcionar uma maior convivência com os folhetos. Houve, por exemplo, a discussão do folheto *Maria Garrafada Mestra do amor, pecadora e santa* de Manoel Monteiro. Nesse folheto que no momento inicial foi escolhido por um aluno para ler individualmente, mas levantou a curiosidade dos colegas que estavam sentados ao seu redor, principalmente pela capa. Os meninos que viram esse folheto sugeriram que fosse lido em voz alta para a turma. O folheto foi lido por partes e nos discutimos quem foi Maria Garrafada, o porquê do nome Maria Garrafada, que descobrimos que esse nome foi dado a ela ter uma doença venérea e descobrir a garrafada que amenizava a doença. Outro folheto que foi comparado com ele foi o *folheto A estória de Maria Gasolina* de João Varella que também conta a estória de uma mulher que adquiriu doença sexualmente transmissível, porém com condições sociais diferentes.

Os alunos foram apresentados ao folheto *As proezas de João Grilo*. Sem abrir o cordel, mostrei a capa e o título e perguntei o que eles achavam que o folheto falava, e percebi que eles não sabiam o que era “proeza”, então, deixei que eles tentassem reconhecer o seu significado na decorrer da própria leitura do texto, e isso aconteceu, no final eles conseguiram entender. E quando ouviram falar sobre João Grilo, remeteram de imediato, ao personagem principal do filme *O Auto da Compadecida* do dramaturgo paraibano Ariano Suassuna.

Após a apresentação do livro comecei a leitura, separando em duas partes, li a primeira parte numa aula, deixando a curiosidade deles aguçada. Abri espaço para que eles pudessem falar sobre a obra e o que eles entenderam. Eles gostaram bastante do personagem central, João Grilo. Disseram que João Grilo era um personagem diferente, pois apesar de “aprontar” com outras pessoas, era como se ele fosse o “herói” da história, além disso, era “muito engraçado o que ele fazia com as outras personagens, como, por exemplo, colocar uma lagartixa na roupa do padre”.

Na leitura da segunda parte, todos estavam ansiosos para saber como terminava a história. Inclusive queriam saber do final da narrativa, antes do resto da leitura. Após o término do folheto, os alunos propuseram que essa atividade fosse realizada mais vezes e perguntaram se podiam pegar cordéis na caixa para levar para ler em casa, o que foi concedido.

Discutimos algumas características do folheto através da análise e discussão, como o humor, a musicalidade, as rimas, a quantidade de versos e depois terminamos a aula com uma discussão sobre a importância da leitura em sala de aula.

Apesar do sucesso nas aulas, encontrei alguns desafios; o primeiro e mais importante foi a dificuldade dos alunos e a falta de motivação (ou incentivo) para a leitura, acarretada muitas vezes pelo próprio “desinteresse” por parte dos mesmos.

O segundo obstáculo que encontrei foi a falta de livros de literatura na pequena biblioteca da escola que apesar do pequeno acervo de clássicos da literatura infanto-juvenil encontrei cerca de 3 folhetos, os quais eram pouco procurados e insuficientes para a quantidade de alunos.

Outro desafio encontrado foi a resistência de alguns alunos foi o “paradigma” em relação ao trabalho com a própria leitura de obras, pois muitos nunca tinham tido o contato direto com folhetos, e para alguns alunos, aquele momento vivido “não era aula de português, pois não tinha que copiar, nem tinha gramática”.

A partir do depoimento do aluno que falou que achava que não fosse “aula de português”, percebi o quanto a situação precisa ser revertida, pois os próprios discentes estão acostumados com o pragmatismo das aulas, impostos pelos professores e até perpetuado pelos livros didáticos.

Ao aproveitar o estudo sobre o tema, outras turmas também foram apresentadas à literatura de cordel, as quais não estarão sendo analisada nesse estudo, e além de apresentar o gênero, foram lidos alguns folhetos, e a recepção

por parte dos alunos foi excelente, inclusive os próprios alunos levaram para sala de aula um pandeiro e aprenderam e cataram algumas sextilhas.

3.3 Uma vivência com crianças

Ao confrontar a experiência da leitura de folhetos no 8º ano e a experiência que realizei com alunos do 6º com as sextilhas do livro *PÁSSAROS E BICHOS na voz de poetas populares*, organizado por Hélder Pinheiro, observei que a recepção do livro no 6º ano foi mais produtiva, ligado principalmente pelo próprio interesse dos discentes e pelo direcionamento do livro à faixa etária dos meninos.

A turma é composta por cerca de 40 alunos, com idade entre 11 e 12 anos, os quais frequentam o turno da tarde. Um aspecto interessante que observei foi que a sala é heterogênea, dividida, naturalmente, pelos próprios alunos: meninos de um lado da sala e meninas do outro que além das divergências entre eles, raramente se falam, pois os grupos já são formados.

O livro organizado por Pinheiro apresenta sextilhas de poetas populares, como Manoel Xudu, Manoel Filó, Clodomiro Paes, Zé Vicente entre outros. São retratados versos com animais como o pica-pau, a galinha, o papagaio, o macaco, o porco, o sabiá, o porco etc.

No artigo intitulado *Tesouros da poesia popular para crianças e jovens*, Pinheiro (2008, p. 39) apresenta algumas características da sextilha:

“Passemos, agora, para alguns traços caracterizadores das sextilhas presentes em *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*. Comum a todas, além de tratarem de animais, é fato serem compostas de versos de sete sílabas, o que lhes confere uma musicalidade nata, poderemos dizer. O esquema rítmico é quase sempre o mesmo: versos de sete sílabas com a primeira acentuação variando entre a segunda e a quinta tônica, e a última sempre na sétima sílaba. Quanto às rimas, predomina o esquema: ABCBDB. Ou seja, rimam os versos 2, 4 e 6.”

Ao levar a obra para a sala, iniciei a aula com um diálogo sobre o a apresentação do livro, mostrando também as ilustrações presentes no livro. Separei a turma por grupos e entreguei um poema a cada grupo para que eles pudessem ler. Na sala formou-se um grande grupo e cada grupo foi lendo e falando sobre a sextilha que recebeu.

Na segunda aula da experiência de leitura, eles foram apresentando quais sextilhas tinham gostado mais e o porquê da escolha. As eleitas foram *O pica-pau* de Manoel Xudu, *Olha o porco* de Apolônio Alves, *Macaco* de Clodomiro Paes e *No Natal* de Manuel Batista. A justificativa para esses títulos foi pela musicalidade, depois pelas próprias características dos animais envolvidos, além de aspectos como rimas, ludicidade, inventividade, animismo e jogo dramático:

O pica-pau

Admiro o pica-pau
 Numa madeira de angico
 Que passa o dia todim
 Taco-taco, tico-tico
 Não sente dor de cabeça
 Nem quebra a ponta do bico.
 Manoel Xudu

Olha o porco

O porco tomou um porre
 Ficou logo embriagado
 Queria invadir a festa
 Todo sujo enlameado
 Foi expulso do salão
 Por ordem do delegado.
 Apolônio Alves

Macaco

Macaco não trabalhava
 Nenhum dia da semana
 Vivia no cabaré
 Jogando e bebendo cana
 Só arranjava dinheiro
 Quando vendia banana
 Clodomiro Paes

No Natal

O galo foi quem cantou
 Quando o salvador nasceu,
 O boi perguntou, aonde?
 A ovelha respondeu:
 Em Belém, Belém, Belém
 E o pastor compreendeu.
 Manuel Batista

Os alunos começaram a perceber que os animais possuíam características humanas, e assim houve a comparação dos animais do livro, com pessoas próximas aos discentes, um jovem, por exemplo, na leitura da sextilha *Macaco*, levantou a mão e relatou: “-Professora, esse macaco parece com meu tio, que não quer trabalhar, mas só que saber de beber cana!”, como podemos observar nas características do personagem nos versos:

Macaco não trabalhava
Nenhum dia da semana
Vivia no cabaré
Jogando e bebendo cana
Só arranjava dinheiro
Quando vendia banana

Quanto à fala do aluno, observei o quanto a poesia é importante na formação do leitor, pois uma característica do animal foi remetida ao contexto sociocultural do aluno, através da vivência dele com um tio, que para o menino era como o macaco da sextilha. Em relação a essas características humanas atribuídas aos animais Pinheiro (2008, p. 40) apresenta:

Mas a atitude predominante dos poetas quando tratam dos animais é conferir um caráter de fábula aos seus poemas. Esta atitude consiste em atribuir profissões aos bichos, em descrever seus costumes, suas rixas, seu lado malandro, entre outras caracterizações. São muitos os poemas que retratam os animais nestas circunstâncias. Neste rol, as narrativas que representam um tempo mítico, em que os bichos, como os homens, falavam, são predominantes. Estas narrativas assumem diferentes feições. Ora são mais humorísticas, sobretudo quando retratam as festas, com suas danças, suas brigas, ora contêm um final moralista, com punições por causa de brigas, ora misturam diferentes perspectivas.

No decorrer das discussões, um aluno sugeriu que as sextilhas selecionadas poderiam ser cantadas como no repente, e assim o fizemos e observamos que o ritmo da sextilha era parecido com os cantadores de viola antigos, outro aluno sugeriu que o texto fosse acompanhado por um pandeiro, instrumento musical tocando apenas com as mãos. O terceiro aluno interrompeu afirmando que um primo era “pagodeiro” que tinha um pandeiro que podia emprestar. Terminamos a aula e a sugestão do instrumento ficou para a próxima aula.

O instrumento foi levado para sala de aula, porém aconteceu um problema que instigou os alunos, nenhum aluno da sala sabia, de fato, tocar pandeiro, até que sugeriram o nome de um aluno de outra turma que sabia manusear o objeto musical. O aluno foi chamado e todos conseguiram musicalizar os versos com sucesso. Depois dessa experiência ocorreu o diálogo final, em que os alunos

relatam a experiência positiva de trabalhar com literatura popular, inclusive propondo que essa atividade fosse realizada mais vezes.

As sextilhas escolhidas pelos discentes para serem cantadas por eles foram às mesmas que tinham sido apresentadas antes *O pica-pau* de Manoel Xudu, *Olha o porco* de Apolônio Alves, *Macaco* de Clodomiro Paes e *No Natal* de Manuel Batista.

Na musicalização das sextilhas, os próprios alunos foram tentando encontrar um ritmo apropriado, sendo eles mesmos que deram a sugestão de unir os poemas ao instrumento musical (pandeiro). Sobrinho (2003, p.36) observa que “a cantoria é a arte do cantador, repentista ou violeiro, como é chamado hoje em dia. Não depende de cultura nem de técnicas eruditas. É simples, espontânea, nasce da inspiração ao gosto do povo”.

Após os trabalhos realizados com os poemas, ocorreu um diálogo sobre a experiência da leitura da poesia popular, e os alunos relataram o porquê de terem gostado dos versos. Eles observaram que alguns dos animais retratados estão ligados à vivência deles, como, por exemplo, o cavalo, porém, também havia animais que eles não conheciam como pirilampos, mas depois entenderam que era o vagalume. Por fim, observaram outras características da vivência social deles nas sextilhas como *A galinha* de Manoel Meneses, que a personagem principal “exerce o papel da mãe protetora”:

A aproximar-se a noite
Quando o dia vai embora,
Lá no fundo do quintal
A galinha se acocora
Fazendo casa das asas
Pra pinto não dormir fora.

A experiência com as sextilhas foi mais proveitosa, primeiro porque foi com animais e por um público ainda infantil, diferente de trabalhar com adolescente, que já veem a vivência com a leitura de uma maneira mais pragmática, além disso, a turma inicial do fundamental II se mostrou mais atenciosa com as aulas. Mas o interessante é que mesmo terminando as aulas, senti que a semente da leitura foi plantada, mesmo que para alguns, essas aulas foi indiferente, para outros a caixa de cordéis, com certeza, será um novo mundo a ser visitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de poemas proporciona um prazer diferente ao leitor, aguçado através da sensibilidade, ocasionado principalmente pelos temas encantadores, através de rimas e imagens. Segundo Pinheiro (2007, p. 23): “A função social da poesia, é bom lembrar, não é mensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor”.

Portanto, concluímos que é de suma importância disseminar o gosto pela leitura nos nossos alunos, pois através da leitura iremos formar não só pessoas, mas ajudar o leitor a observar o mundo de uma maneira diferente, com uma sensibilidade aguçada. Mas é preciso ter cuidado, principalmente na forma em que a poesia é transmitida, pois, “a experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor.” (PINHEIRO, 2007. P.22)

Estudar e trabalhar com folhetos foi uma experiência única e gratificante, pois apesar dos empecilhos causados, na docência de modo geral, é possível perceber que ainda há solução para o ensino, que há pessoas sensíveis, que se permitem conhecer e aprender o novo. Além disso, o aluno aprender muito pelo exemplo, ou seja, como já falamos anteriormente, para incentivar o aluno a gostar de ler é necessário que o professor seja um exemplo de leitor, pois como apresenta Pinheiro (2007. p. 25): “Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seu hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce”.

Outro aspecto observado foi que, apesar de muitos poetas fazerem isso, “didatizar” o folheto não é indicado, pois ao invés de atrair o leitor para leitura, ocorre um movimento contrário, o distanciamento do aluno com as obras.

A leitura de folhetos possibilitou aos alunos uma experiência nova, já que para eles que moram e estudam numa escola desfavorecida socialmente, a leitura de folhetos pode ajudá-los a fazer uma verdadeira viagem pelo mundo da literatura popular. Porém, percebi que alguns meninos não deram muita importância as aulas, por falta de interesse, ou até mesmo pela ideia fixa e imposta por muitos docentes mesmos, de que “estudar português é estudar gramática”, o que não atrapalhou o decorrer das aulas.

Percebi o quanto os livros didáticos não ajudam a disseminar a literatura popular, nem a própria literatura de modo geral, pela maneira equivocada em que é trabalhada, além de ser vista como desnecessária confrontada com outras áreas do ensino. Além dos próprios mestres não ajudarem aos alunos a gostar da literatura.

Confrontando as turmas do 6º e 8º anos, percebi que trabalhar o livro *Pássaros e Bichos na voz de poetas populares*, foi muito diferente, pela própria idade dos alunos, visto que os menores tinham mais interesse pelas aulas, e os bichos os chamavam bastante atenção, além disso, aliar um instrumento musical ao trabalho facilitou bastante a interação dos discentes.

Depois dos trabalhos, os alunos elogiaram os textos e sentiram a necessidade de continuar trabalhando com os mesmos. A leitura foi incentivada, e a caixa de folhetos tornou-se um importante acervo para a pequena biblioteca da escola, também benéfica para o resto da instituição, pois todos, a partir de então, terão acesso aos folhetos disponíveis.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Cordéis e antologias:

- MONTEIRO, Manoel. *O macaco besta a droga matou*. Campina Grande, 2009.
- MONTEIRO, Manoel. – *Os games na escola – Jogos eletrônicos – Um bem ou um mal?*. Campina Grande, 2008
- MONTEIRO, Manoel. *Maria Garrafada Mestra do amor, pecadora e santa*. Campina Grande – PB, 2007.
- MONTEIRO, Manoel. *O galo cagão e o peido do gambá*. Campina Grande, 2010.
- MONTEIRO, Manoel. *A briga de um gay com uma mulher macho*. Campina Grande- PB, 2009.
- MONTEIRO, Manoel. *O homem do pinto GRANDE*. 5ª Edição, Campina Grande-Pb, 2010.
- MONTEIRO, Manoel. *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*. Campina Grande – PB, 2006.
- MONTEIRO, Manoel. *A VOZ DOS BICHOS animais falam, sabia?*. João Pessoa – PB, 2009.
- NASCIMENTO, João Maria do (Popular: João Varella). *A estória de Maria Gasolina*. Barcelona, RN.
- SANTOS, Manoel Camilo dos. *Viagem a São Saruê*.
- SENA, Joaquim Batista de. *Estória de um homem que deixou a mulher por uma jumenta*.

Fontes teóricas:

- ALVES, José Helder Pinheiro. *Literatura de cordel na escola: vivência artística ou utilitarismo*. Colóquios Linguísticos e Literários. Teresina: EDUFPI, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo Cinco Livros do Povo*. 3ª Edição, João Pessoa: Editora Universitária, Universidade Estadual da Paraíba, 1994

BUNZEN, Clecio. MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. Fortaleza, 2000.

LUYTEN, Joseph M. O que é literatura de Cordel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MOURA, Fernanda Chaves Bezerra de. *Brincando com a bicharada: A leitura de sextilhas e folhetos no ensino fundamental I*. Trabalho dissertativo. Campina Grande: 2009.

PINHEIRO, Hélder. LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na Sala de Aula*. 1ª Edição. São Paulo: Livraria Duas Caras, 2001.

PINHEIRO, Hélder (Org.). *Pesquisa em Literatura*. 2ª Edição. Campina Grande: Bagagem Editora, 2011.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3ª Edição. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, Hélder (Org.). *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*. 2ª Edição. Campina Grande: Bagagem, 2004.

PINHEIRO, Hélder. *Tesouros da poesia popular para crianças e Jovens*. Boitatá-Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Londrina: GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número 5 – jan-jul de 2008.

RODELLA, Gabriela. NIGRO, Flávio. CAMPOS, João. *Português A arte da Palavra*. 6º Ano, 1ª Edição. São Paulo: Editora AJS, 2009.

SOBRINHO, José Alves. *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*. Campina Grande: Bagagem Editora, 2003.

ANEXO I

Planejamento das aulas

Primeira parte da experiência: *Cordel As proezas de João Grilo* de João

Ferreira de Lima

Ano: 8º ano

1º Encontro

- 1) Sondagem: perguntas sobre o que é cordel e se eles já tiveram contato com o gênero;
- 2) Apresentação da literatura popular e sua importância;
- 3) Explicação sobre a estrutura do cordel;
- 4) Distribuição de diversos cordéis para que os alunos leiam silenciosamente em sala.

2º Encontro

- 1) Discussões sobre a leitura dos cordéis anteriores;
- 2) Relato dos alunos sobre os folhetos lidos silenciosamente;
- 3) Leitura de um cordel escolhido pela turma por dois alunos;
- 4) Abordagem discursiva sobre o folheto lido;
- 5) Proposta da arrecadação de folhetos pelos alunos.

3º Encontro

- 1) Apresentação da proposta da criação do acervo de folhetos na escola;
- 2) Apresentação do personagem João Grilo e do autor do cordel;
- 3) Leitura das duas primeiras partes do folheto *As Proezas de João Grilos*;
- 4) Diálogo sobre o folheto em estudo.

4º encontro

- 1) Leitura do resto do folheto;
- 2) Abordagem discursiva sobre o folheto;
- 3) Estudos sobre o João Grilo, o personagem central.
- 4) Discussão sobre o humor, as rimas e a esperteza do personagem.

5º Encontro

- 1) Discussão sobre a relação da literatura de cordel ao contexto sociocultural dos alunos;
- 2) Relatos sobre a experiência individual com o cordel.

Sexto Encontro

- 1) Arrecadação de folhetos para a biblioteca da escola;
- 2) Proposta de novos cordéis para a leitura dos alunos;
- 3) Incentivo a encenação dos alunos para outros folhetos;
- 4) Relatos orais sobre a experiência com a literatura popular.

Segunda parte da experiência: Livro *Pássaros e Bichos na voz de poetas populares*, organizado por Hélder Pinheiro

Ano: 6º ano

1º Encontro

- 1) Apresentação do livro *Pássaros e Bichos na voz de poetas populares* e um diálogo sobre o mesmo;
- 2) Apresentação das ilustrações presentes no livro;
- 3) Separação da turma em grupos e entrega de um poema diferente a cada grupo para leitura e discussão;
- 4) Formação de um círculo na sala e leitura da sextilha pelos grupos e relato da experiência da leitura da mesma.

2º Encontro

- 1) Leitura das sextilhas entregues a turma pelos próprios alunos.
- 2) Seleção das melhores sextilhas e exposição das justificativas para as escolhas;
- 3) Apresentação das sextilhas escolhidas para a turma;
- 4) Discussões sobre as sextilhas escolhidas.

3º Encontro

- 1) Relato dos alunos sobre a experiência de leitura com os poemas;
- 2) Inferências das sextilhas com o contexto sociocultural do discente;
- 3) Leitura coletiva das sextilhas escolhidas para musicalização.

4º Encontro

- 1) Apresentação oral dos alunos com o uso de um instrumento musical (Pandeiro);
- 2) Diálogo sobre essa experiência realizada em sala;
- 3) Respostas orais dos alunos sobre as perguntas: Gostaram experiência de trabalhar com a leitura de poemas? Já conheciam alguma sextilha? De quais animais gostaram mais? Por quê?
- 4) Sugestões para próximas aulas pelos alunos.

ANEXO II

FOTOS

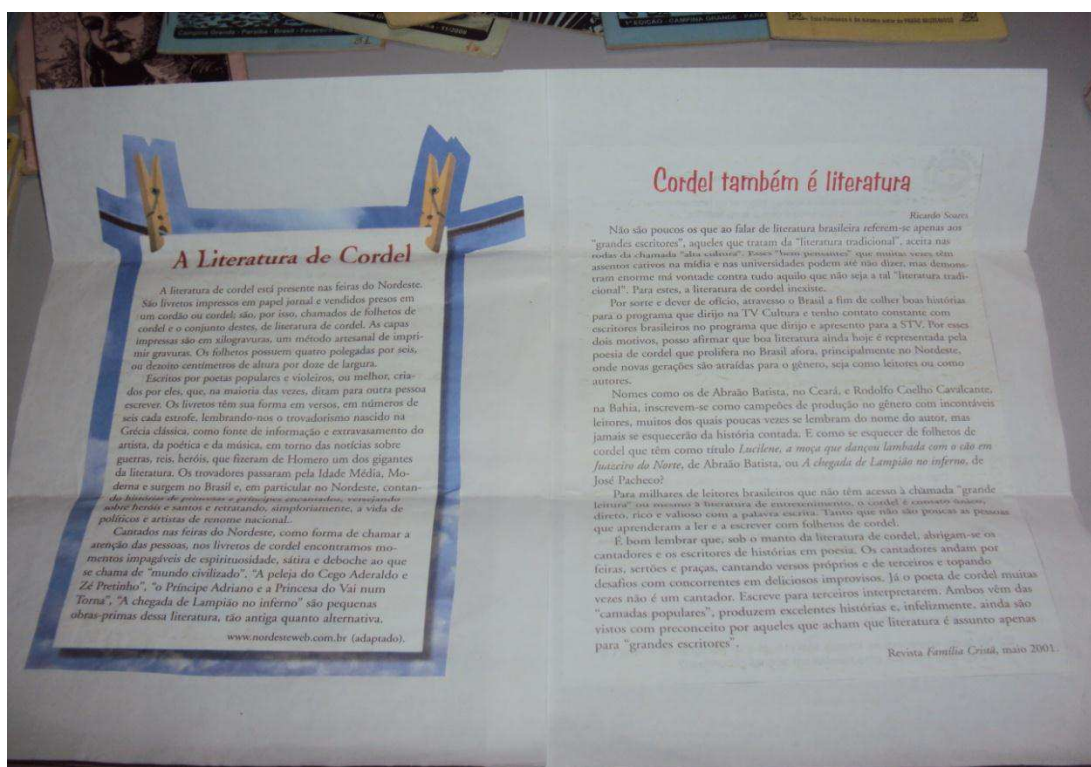
Caixa com os cordéis:

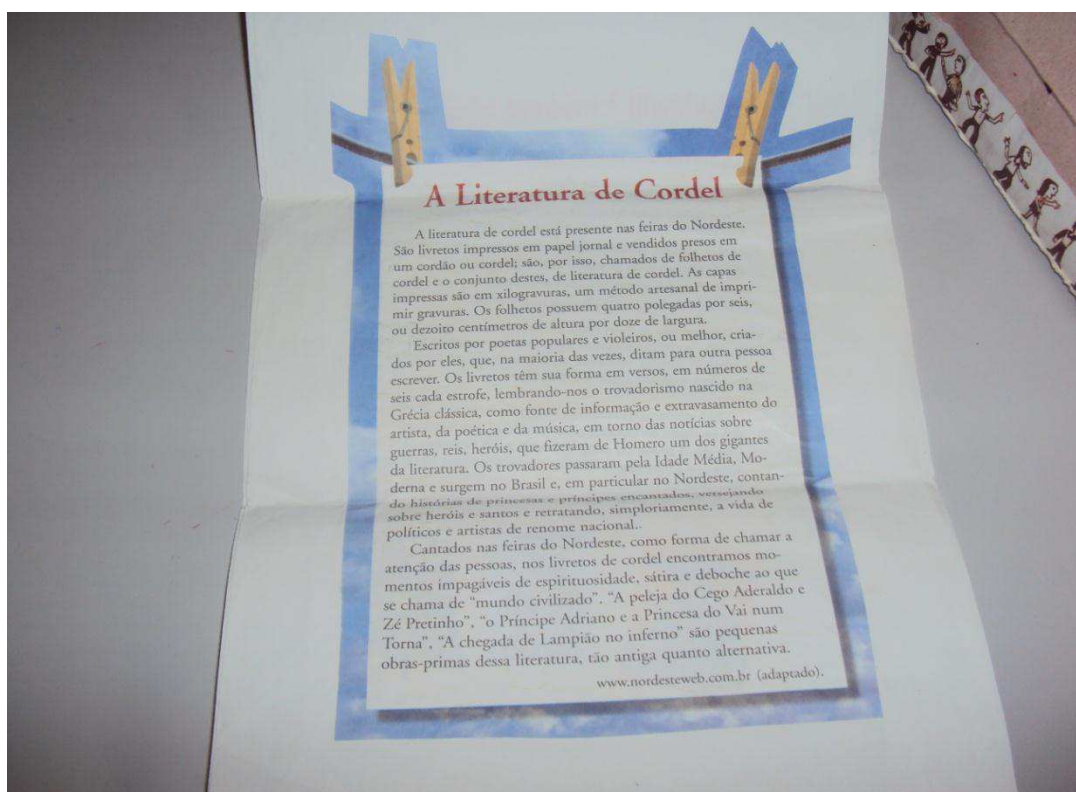
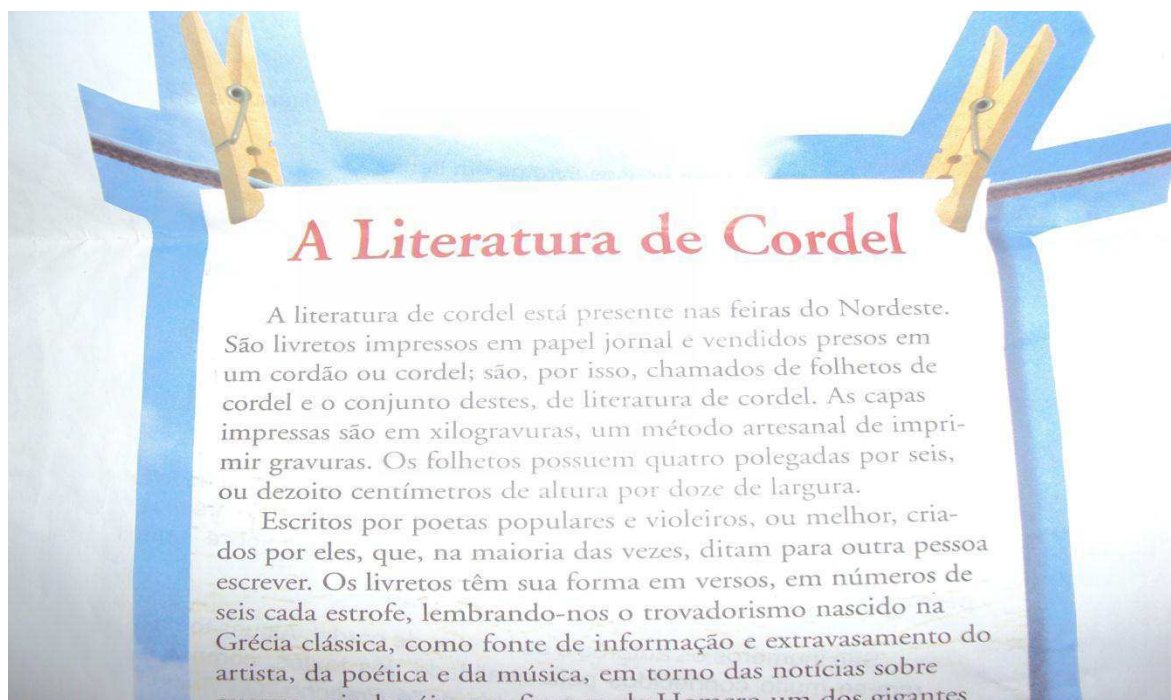


Cordéis Expostos:



Pesquisa dos alunos sobre “o que é cordel” encontrado no livro didático.





Momento de leitura com os alunos do 8º ano:









ANEXO III

CORDEL

As Proezas de João Grilo

João Ferreira de Lima

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois das horas
Pelas artes que fazia

E nasceu de sete meses
Chorou no bucho da mãe
Quando ele pegou um gato
Ele gritou: - Não me arranhe,
Nãoo jogue neste animal
Que talvez você não ganhe!

Há noite que João nasceu,
Houve um eclipse na lua,
E detounou um vulcão
Que ainda hoje continua
Naquela noite correu
Um lobisomem na rua.

Assim mesmo ele criou-se
Pequeno, magro e sambudo,
As pernas tortas e finas
A boca grande e beijudo
No sítio aonde morava
Dava notícia de tudo.

João perdeu o seu pai
Com sete anos de idade
Morava perto de um rio
la pescar toda tarde
Um dia fez uma cena
Que admirou a cidade
O rio estava a nado
Vinha um vaqueiro de fora
Perguntou: -Dará passagem?
João Grilo disse: - Inda agora
O gadinho do meu pai
Passou com o lombo de fora.

O vaqueiro botou o cavalo
Com uma braça deu nado
Foi sair já muito embaixo

Quase que morre afogado
Voltou e disse ao menino:
Você é um desgraçado!

João Grilo foi ver o gado
Para provar aquele ato
Veio trazendo na frente
Um bom rebanho de pato
Os patos passaram n'água
João provou que era exato.

Um dia a mãe de João Grilo
Foi buscar água à tardinha
Deixou João Grilo em casa
E quando deu fé, lá vinha
Um padre pedindo água
Nessa ocasião não tinha

João disse: - Só tem garapa
Disse o padre: - De onde é?
João Grilo lhe respondeu:
-É do engenho Catolé...
Disse o padre: - Pois eu quero!
João trouxe numa coité.

O padre bebeu e disse:
- Oh! Que garapa boa!
João Grilo disse: Quer mais?
O padre disse: - E a patroa,
Não brigará com você?
João disse: - Tem uma canoa!

João trouxe outra coité
Naquele mesmo momento
Disse ao padre: Beba mais,
Não precisa acanhamento
Na garapa tinha um rato
Estava podre fedorento!

O padre disse: - Menino
Tenha mais educação
E porque não me dissestes?
Oh! Natureza de cão!
Pegou a dita coité

Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: Danou-se
Misericórdia São Bento!
Com isto mamãe se dana
Me pague mil e quinhentos,
Essa coité, seu vigário
É da mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa
Disse para o sacristão:
- Este menino é do diabo
Em figura de cristão!
Meteu o dedo na goela
Quase vomita o pulmão

João Grilo ficou sorrindo
Pela cilada que fez
Dizendo: vou confessar-me
No dia sete do mês.
Ele nunca confessou-se
Foi essa a primeira vez.

João Grilo tinha um costume
Pra toda parte que ia
Era alegre e satisfeito
No convívio da alegria
João Grilo fazia graça
Que todo mundo sorria.

Num dia de Sexta- feira,
Às cinco horas da tarde
João Grilo disse: hoje à noite
Eu assombro aquele padre,
Se ele não perdoar-me
Na igreja há novidade...

Pegou uma lagartixa
Amarrou-a pelo gogó
Botou-a numa caixinha
No bolso do paletó
Foi confessar-se João Grilo
Com paciência de Job

As setes horas da noite
Foi ao confessionário
Fez logo pelo sinal
Posto nos pés do vigário
O padre disse: Acuse-se!
João disse o necessário.

Eu sou aquele menino
Da garapa e da coité
O padre disse levante-se,

Eu já sei quem você é,
João tirou a lagartixa
Soltou-a junto do pé.

A lagartixa subiu
Por debaixo da batina
Entrou na perna da calça
Tornou-se feia a buzina
O padre meteu os pés
Arrebentou a cortina.

Jogou a batina fora
Naquela grande fadiga,
A lagartixa cascuda
Arranhando a barriga
João Grilo de lá gritava:
-Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre impaciente
Naquele turututu
Saltava para todo lado
Que parecia um timbu
Terminou tirando as calças
Ficando o esqueleto nu.

João disse: - Padre é homem?!
Pensei que fosse mulher,
Anda vestido de saia
Não casa porque não quer
Isto é que ser caviloso
Cara de mata bebé!

O padre disse: João grilo,
Vai-te daqui, infeliz!
João Grilo disse: Bravos
O vigário da matriz
É assim que ele me paga
O benefício que fiz!

João Grilo foi embora
O padre ficou zangado
João Grilo disse: Ora sebo,
Eu não aliso c'roado
Vou vingar-me duma raiva
Que tive ano passado.

No subúrbio da cidade
Morava um português
Vivia de vender ovos
Justamente nesse mês
Denunciou de João Grilo
Pelas artes que ele fez.

João encontrou o português

Com a égua carregada
Com duas caixas de ovos
João lhe disse: Oh! Camarada,
Deixa eu dizer a tua égua
Uma pequena charada.

O português disse: diga!
João chegou bem no ouvido
Com a ponta do cigarro
Soltou-a dentro escondido
A égua meteu os pés
Foi temeroso estampido.

Derrubou o português
Foi ovos pra todo lado
Arrebentou a cangalha
Ficou o chão ensopado
O português levantou-se
Tristonho e todo melado

O português perguntou:
O que foi que tu disseste
Que causou tanto desgosto
A este animal agreste?
- Eu disse que a mãe morreu...
O português respondeu:
-Oh! Égua besta da peste!

João Grilo foi à escola
Com sete anos de idade
Com dez anos ele saiu
Por espontânea vontade
Todos perdiam pra ele
Outro Grilo como aquele
Perdeu-se a propriedade.

João Grilo em qualquer escola
Chamava ao povo atenção
Passava quinau nos mestres
Nunca faltou com a lição
Era um tipo inteligente
No futuro e no presente
João dava interpretação.

Um dia pergunta ao mestre:
O que é que Deus não vê,
E o homem vê toda hora?
Diz ele: - Não pode ser,
Pois Deus vê tudo no mundo
Em menos de um segundo
De tudo pode saber.

João Grilo disse: Qual nada,
Quede os elementos seus?

Abra os olhos, mestre velho
Que vou lhe mostrar os meus
Seus estudos se consomem,
Um homem vê outro homem
Só Deus não vê outro Deus!

João Grilo disse: "seu" mestre
Me diga como se chama
A mãe de todas as mães?
Tenho cuidado no drama
O mestre coça a cabeça
Disse: antes que eu me esqueça
Vou resolver o programa.

-Mãe de todas as mães
É Maria Concebida!
João Grilo disse: Eu protesto,
Antes dela ser nascida
Já outra mãe existia
Não foi a Virgem Maria,
Oh! Que resposta perdida!

João Grilo disse depois
Num bonito português:
A mãe de todas as mães
Já disse e digo outra vez
Como a escritura ensina
É a natureza Divina
Que tudo criou e fez.

-Me responda, professor
Entre grandes e pequenos
Quero que fique notável
Por todos nossos terrenos
Responda com rapidez
Como se chama o mês
Que a mulher fala menos?

Este mês eu não conheço
Quem fez esta tabuada?
João Grilo lhe respondeu:
Ora, sebo, camarada
Pra mim perdeu valor
Ter o nome de professor
Mas não conhece de nada.

Este mês é fevereiro
Por todos bem conhecido
Só tem vinte e oito dias
O tempo mais resumido
Entre grandes e pequenos
É o que a mulher fala menos
Mestre, você está perdido

- Seu professor, me responda
Se algum tempo estudou
Quem serviu a Jesus Cristo
Morreu e não se salvou
No dia em que ele morreu
Seu corpo o urubu comeu
E ninguém o sepultou?

Não conheço quem é esse
Porque nunca vi escrito;
João Grilo lhe respondeu:
Foi um jumento está dito
Que Jesus Cristo servia
Na noite que ele fugia
De Belém para o Egito

João Grilo chegou no rio
Às cinco horas da tarde
Passou até nove horas,
Porém tudo foi de balde
Na noite triste e sombria
João Grilo, sem companhia
Voltava sem novidade.

Chegando dentro da mata,
Ouvindo lá dentro um gemido,
Os lobos devoradores
O caminho interrompido
E trepou-se num pinheiro
Como era forasteiro
Ficou calado, escondido.

Os lobos foram embora
Mas João não quis descer,
Disse: - Eu dormirei aqui,
Sucedo o que suceder
Eu hoje imito araquã
Só vou embora amanhã
Quando o dia amanhecer.

O Grilo ficou trepado,
Temendo lobo e leões
Pensando na fatal sorte
E recordando as lições
Que na escola estudou
Quando de súbito chegou
Uns quatro ou cinco ladrões.

Eram uns ladrões de Meca
Que roubavam no Egito
Se ocultavam na mata
Naquele bosque esquisito
Pois cada um, de per si
Que vinha juntar-se ali

Pra ver quem era perito.

O capitão dos ladrões
Disse: - Não falta ninguém?
Um respondeu: - Não senhor,
Disse ele: Muito bem,
Cuidado, não roubem vã
Vamos juntar-nos amanhã
Na capela de Belém.

-Lá partiremos o dinheiro
Pois aqui tudo é graúdo,
Temos um roubo a fazer
Desde ontem que estudo
Mas já estou preparado
E o Grilo lá trepado
Calado e escutando tudo.

Os ladrões foram embora
Depois da conversação
João Grilo ficou ciente
Dizendo em seu coração
Se Deus ajudar a mim
Acabou-se tempo ruim
Sou eu quem ganho a questão.

João Grilo desceu da árvore
Quando o dia amanheceu
Mas quando chegou em casa
Não contou o que se deu
Furtou um roupão de malha
Vestiu, fez uma mortalha
Lá no mato se escondeu.

À noite foi pra capela
Por detrás da sacristia
Vestiu-se com a mortalha
Pois a capela jazia
Sempre com a porta aberta
João Grilo partiu na certa
Colher o que pretendia.

Deitou-se lá num caixão
Que enterrava defunto
João Grilo disse: Hoje, aqui
Vou ganhar um bom presunto;
João Grilo observando
Sem pensar em outro assunto.

Acenderam um farol
Penduraram numa cruz
Foram contar o dinheiro
No claro de uma luz
João Grilo de lá gritou:

- Esperem por mim, que eu vou
Com as ordens de Jesus!

Os ladrões dali fugiram
Quando viram a alma em pé,
João Grilo ficou com tudo
Disse: Eu já sei como é
Nada no mundo me atrasa
Agora vou para casa,
Tomar um rico café!

Chegou e disse: Mamãe
Morreu nossa precisão
O ladrão que roupa outro
Tem cem anos de perdão!
Contou o que tinha feito,
Disse a velha: - Está direito,
Vamos fazer refeição!

Bartolomeu do Egito
Foi um rei de opinião
Mandou convidar João Grilo
Para uma adivinhação
João Grilo disse: Eu vou,
No outro dia embarcou
Para saudar o sultão.

João Grilo chegou na corte
Cumprimentou o sultão
Disse: pronto, senhor rei
(deu-lhe um aperto de mão)
Com calma e maneira doce
O sultão admirou-se
Da sua disposição.

O sultão pergunta a Grilo:
-De onde você saiu
Aonde foi que nasceu?
João fitou ele e sorriu
- Sou deste mundo d'agora
Nasci da ditosa hora
Que minha mãe me pariu!

João Grilo, tu adivinha?
O Grilo respondeu: não,
Eu digo algumas coisas
Conforme a ocasião
Quem canta de graça é galo,
Cangalha só pra cavalo
E seca só no sertão.

-Eu tenho doze perguntas
Pra você me responder,
No prazo de quinze dias,

Escuta o que vou dizer
Veja lá como se arruma
É bastante faltar uma
Está condenado a morrer!

João Grilo disse: estou pronto
Pode dizer a primeira
Se acaso sair-me bem
Venha a Segunda e a terceira
Venha a Quarta e a Quinta
Talvez o grilo não minta
Diga até a derradeira

Perguntou: qual o animal
Que mostra mais rapidez
Que anda de quatro pés
De manhã por sua vez
Ao meio-dia com dois
Passando disto depois
À tarde anda com três?

O Grilo disse: é o homem
Que arrasta pelo chão
No tempo de engatinhar
Depois toma posição
Anda em pé bem seguro
Mas quando fica maduro
Faz três pés com o bastão

O sultão maravilhou-se
Com a sua resposta linda
João disse: pergunte outra
Vou ver se respondo ainda!
A Segunda o sultão fez
João Grilo daquela vez
Celebriu sua vinda

-Grilo, você me responda
Em termos bem divididos
Uma cova bem cavada
Doze mortos estendidos
E todos mortos falando
Cinco vivos passeando
Trabalham com três sentidos

Esta cova é uma viola
Com prima, baixa e bordão
Mortas são doze cordas
Quando canta um cidadão
Canta, toca e faz o verso
Cinco vivos num progresso
Os cinco dedos na mão

Houve uma salva de palmas

Com vivas que retumbou
 O sultão ficou suspenso
 Seu viva também bradou
 Depois pedido silêncio
 Com outro desejo imenso
 A terceira perguntou:

-João, qual é a coisa
 Que eu mandei carregar
 Primeiro dia e segundo
 No terceiro fui olhar
 Quase dá-me a tiririca
 Se tirar, mais grande fica
 Não míngua, faz aumentar?

-Senhor rei, sua pergunta
 Perece me fazer guerra,
 Um Grilo não tem saber
 Sendo criado na serra
 Mas digo pra quem conhece
 O que tirando mais cresce
 É um buraco na terra.

João Grilo, vou terminar
 As perguntas do tratado
 O Grilo disse: Pergunte,
 Quero ficar descansando...
 Disse o rei: - É muito exato,
 O que é que vem do alto
 Cai em pé, corre deitado?

- Aquela que cai em pé
 E sai correndo no chão,
 Seria uma grande chuva
 Nos barros de um sertão;
 O rei disse: muito bem,
 No mundo todo não tem
 Outro Grilo como João!

- João Grilo, você bebe?
 João disse: bebo um pouquinho;
 E disse: eu não sou filho
 Do Baco que fez o vinho
 O meu pai morreu bebendo
 E eu o que estou fazendo?
 Sigo no mesmo caminho.

O rei disse: João Grilo
 Beber é coisa ruim...
 O Grilo respondeu: Qual?
 O meu pai dizia assim?
 “Na casa de ‘seu’ Henrique
 Zelam bem um alambique
 Melhor do que um jardim!”

O rei disse: João Grilo
 Tua fama é um estrondo;
 João Grilo disse: eu sabendo
 O que perguntar, repondo;
 Disse o rei enfurecido:
 O que tem o pé comprido
 E faz o rastro redondo?

Senhor rei, tenho lembrança
 Do tempo da minha avó
 Que ela tinha um compasso
 Na caixa de bororó
 Como esse eu também ando
 Fazendo o rastro redondo
 Andando com uma perna só.

- João, diga qual é o bicho
 Que passa pela campina,
 A qualquer hora da noite
 Andando de lamparina?
 - É um pequeno animal
 Tem luz artificial;
 Veja o que determina...

-Esse bicho eu já vi
 Pois eu tinha por esse costume
 De brincar sempre com ele
 Minha mãe tinha ciúme
 Ele andava pelo campo
 Uns chamavam pirilampo
 E outros de vagalume!
 O rei já tinha esgotado
 A sua imaginação
 Não achou uma pergunta
 Que interrompesse a João
 Disse: me responda agora
 Qual é o olho que chora
 Sem haver consolação?

O Grilo então respondeu:
 Lá muito perto da gente
 Tem um outeiro
 Importante
 Um moço muito doente
 Suas lágrimas tem paladar
 Quem não deixa de chorar
 É o olho d’água vertente.

O rei inventou um truque
 Do jeito que lhe convinha;
 -Vou armar um cilada,
 Pra ver se João adivinha;
 Mandou vir um alçapão

Fez outra adivinhação
Escondeu uma bacorinha.

- João, o que é que tem
Dentro deste alçapão?
Se não disser o que é,
Morrerá, não tem perdão
João Grilo lhe respondeu:
Quem mata um como eu
Não tem dó no coração.

João lhe disse: esse 'objeto'
Nem é manso, nem brabo
Nem é grande, nem pequeno
Nem é santo, nem é diabo
Bem que a mamãe dizia
Que eu ainda caía
Onde a porca torce o rabo!

Trouxeram uma bandeja
Ornada de muitas flores
Dentro dela uma latinha
Cheia de muitos fulgores
O rei lhe disse: João Grilo
É este o último estrilo
Que rebenta tuas dores!

João Grilo desta vez
Passou na última estica,
Adivinhar uma coisa
Nojenta que se pratica
Fugir da sorte mesquinha
Pois dentro da lata tinha
Um pouquinho de "xinica"

O rei disse: João Grilo,
Veja se escapa da morte
O que tem nesta latinha?
Responde se tiver sorte.
Toda aquela populaça
Queria ver a desgraça
Do Grilo franzinho e forte.

Minha mãe profetizou
Que o futuro é minha perda,
- Dessas adivinhações
Brevemente você herda:
Faz de conta que eu já vi,
Como esta hoje aqui
Parece que dá merda.

O rei achou muita graça
Nada teve o que fazer
João Grilo ficou na corte

Com regozijo e prazer
Gozando um bom paladar
Foi comer sem trabalhar
Desta data até morrer.

E todas questões do reino
Era João que deslindava
Qualquer pergunta difícil
Ele sempre decifrava
Julgamentos delicados
Problemas muito enrascados
O João Grilo desmanchava.

Certa vez chegou na corte
Um mendigo esfarrapado
Com uma mochila nas costas
Dois guardas de cada lado
Seu rosto cheio de mágoa
Os olhos vertendo água
Fazia pena o coitado.

Junto dele estava um duque
Que veio o denunciar
Dizendo que o mendigo
Na prisão ia morar
Por não pagar a despesa
Que fizera por afoiteza
Sem ninguém lhe convidar.

João Grilo disse ao mendigo:
E como é, pobretão,
Que se faz uma despesa
Sem ter no bolso um tostão?
Me conte todo passado
Depois de ter-lhe escutado
Lhe darei razão ou não.

Disse o mendigo: sou pobre,
E fui pedir uma esmola
Na casa do senhor duque
Levei a minha sacola
Quando cheguei na cozinha
Vi cozinhando galinha
Numa grande caçarola.

-Como a comida cheirava
Eu tive apetite nela
Tirei um taco de pão
E marchei para a panela
E sem pensar na desgraça
Botei o pão na fumaça
Que saía da panela!

O cozinheiro zangou-se,

Mandou chamar seu senhor,
Dizendo que eu roubara
Da comida o seu sabor
Só por eu ter colocado
Um taco de pão mirrado
Aproveitando o vapor...

-Por isto fui obrigado
A apagar essa quantia
Como não tenho dinheiro
O duque, por tirania
Mandou trazer-me escoltado
Pra depois de ser julgado
Ser posto na enxovia!

João Grilo disse: está bem,
Não precisa mais falar,
Então perguntou ao duque:
Quanto o homem vai pagar?
- Cinco coroas de prata,
Ou paga, ou vai pra chibata
Não lhe deve perdoar!

João Grilo tirou do bolso
A importância cobrada
Na mochila do mendigo
Ele foi depositada
E depositada
E disse para o mendigo:
- Balance a mochila, amigo
Pro duque ouvir a zoadá!

O mendigo sem demora
Fez como o Grilo mandou
Pegou sua mochilinha
Com a prata e balançou
Sem compreender o truque
Bem no ouvido do duque
O dinheiro tilintou.

Disse o duque enfurecido:
-Mas não recebi, o meu;
Diz João Grilo: Sim, senhor,
E foi isto o que valeu
Deixe de ser caloteiro
O tinido do dinheiro
O senhor já recebeu!

-Você diz que o mendigo
Por ter provado o vapor
Foi mesmo que ter comido
Seu manjar e seu sabor
Pois também é verdadeiro
Que o tinir do dinheiro

Representa o seu valor!

Virou-se para o mendigo
E disse: estás perdoado
Leva o dinheiro que dei-te
Vai pra casa descansado!
O duque olhou para o Grilo
Depois de dar um estrilo
Saiu por ali danado.

A fama então de João Grilo
Foi de nação em nação
Por sua sabedoria
E por seu bom coração
Sem ser por ele esperado
Um dia foi convidado
Pra visitar um sultão.

O rei daquele país
Quis o reino embandeirado
Para receber a visita
Do ilustre convidado
O castelo estava em flores
Cheio de tantos fulgores
Ricamente engalanado.

As damas da alta corte
Trajavam decentemente,
Toda corte imperial
Esperava impaciente
Por isso, ou por aquilo
Para conhecer João Grilo
Figura tão eminente.

Afinal chegou João Grilo
No reinado do sultão
Quando ele entrou na corte
Que grande decepção!
De paletó remendado
Sapato velho, furado
Nas costas um matulão

O rei disse: não é ele,
Pois assim já é demais;
João Grilo pediu licença
Mostrou-lhe as credenciais
Embora o rei não gostasse
Mandou que ele ocupasse
Os aposentos reais.

Só se ouviam os cochichos
Que vinham de todo lado
As damas então diziam:
É esse o homem falado?

Duma pobreza tamanha
E ele nem se acanha
De ser nosso convidado!

Até os membros da corte
Diziam num tom chocante:
Pensava que o João Grilo
Fosse dum tipo elegante
Nos mandam um remendado
Sem roupa esfarrapado
Um maltrapilho ambulante!

E João Grilo ouvia tudo
Mas sem dar demonstração
Em toda corte real
Ninguém lhe dava atenção
Por mostrar-se esmolambado
Tinha sido desprezado
Naquela rica nação.
Afinal veio um criado
E disse sem o fitar:
Já preparei o banheiro
Para o senhor se banhar,
Vista uma roupa minha
Depois vá para a cozinha
Na hora de almoçar.

João Grilo tomou um banho
Vestiu um roupa de gala
Então muito bem vestido
Apresentou-se na sala
Ao ver seu traje tão belo
Houve gente no castelo
Que quase perdia a fala.

E então toda repulsa
Transformou-se de repente
O rei chamou-lhe para mesa
Como homem competente
Consigo, dizia João:
Na hora da refeição
Vou ensinar esta gente.

O almoço foi servido
Porém João não quis comer
Despejou vinho na roupa
Só para vê-lo escorrer
Ante a corte estarecida
Encheu os bolsos de comida
Para toda corte ver.

O rei bastante zangado

Perguntou para João:
Por que motivo o senhor
Não come da refeição?
Respondeu João com maldade:
- Tenha calma, majestade
Digo já toda a razão!

- Esta mesa tão repleta
De tanta comida boa
Não foi posta para mim
Um ente vulgar, atoa
Desde a sobremesa à sopa
Foram postas à minhas roupa
E não a minha pessoa!

Os comensais se olharam
O rei pergunta espantado:
-Porque que o senhor diz isto
Estando tão bem tratado?
Disse João: - Isto se explica,
Por estar de roupa rica
Não sou mais esmolambado.

-Eu estando esfarrapado
la comer na cozinha,
Mas como troquei de roupa
Como junto da rainha...
Vejo nisto um grande ultraje
Homenageiam meu traje
E não a pessoa minha!

Toda corte imperial
Pedi desculpa a João
E muito tempo falou-se
Naquela dura lição
E todo mundo dizia
Que o Grilo em sabedoria
Era igual a Salomão.

FIM- Fortaleza, Julho de 2000

